

# Literatura

Por Luísa Destri

## A precisão curvilínea da vida

Romance de 2005 mescla ficção e realidade para narrar a vida de alguém que sempre esteve no lugar certo



Ultimo Parri tem a sombra de ouro. Se você não nasceu no norte da Itália, é pouco provável que compreenda o que isso quer dizer. Expliquemos assim: ele é daquelas pessoas cuja presença sentimos. Não precisamos ver que está ali, simplesmente sabemos. É de tipos como o dele que dizemos especial.

Tanto que, para contar a história desse seu personagem, o escritor Alessandro Baricco teve que se valer de diferentes artifícios. Em *Esta história*, que é a de Ultimo, alternam-se o relato jornalístico, o diário, o monólogo interior, a tradicional narrativa em terceira pessoa. Falta ao livro apenas a própria voz de seu protagonista. A obra, em sua estrutura prismática, procura dar conta de toda a vida do personagem. Mais especificamente, a partir de quando o menino descobre sua paixão e vocação. Pelas curvas, pelas estradas. Assim, Ultimo dá conta de sua própria existência em uma manhã de 1902, aos cinco anos, quando vê, saído de uma nuvem de poeira, um demônio metálico rindo por meio de seu radiador. E se torna adulto não apenas em razão de uma tragédia na família, mas porque descobre que pode tomar posse do corpo das mulheres apenas ao se imaginar como um piloto acelerando em seus aclives e curvas.

O fato é que, a partir do momento em que entra em contato com o mundo dos automóveis - ainda incipiente em sua infância -, seus pensamentos passam a ser inteiramente determinados pela existência dessas máquinas. Seja pelas metáforas que constrói, seja pela visão geométrica que desenvolve do espaço e dos episódios que se sucedem. Seja, ainda, pela maneira de construir seu raciocínio e visualizar a rota até seu objetivo. Nessa mitologia que aos poucos desenvolve, há pontos de inflexão aos quais sua vida acaba sempre retornando. Um deles é a noite que passa com seu pai em Turim, aos 11 anos. Eles estavam lá porque Libero Parri havia se arriscado alguns anos antes: em uma época em que nem sua mulher acreditava na existência dos automóveis, decidira vender as 26 vacas que sustentavam a família para montar uma oficina. Preocupado com o futuro que não vinha, decidiu procurar Gardini, um dos primeiros a se arriscar nos motores, para lhe pedir conselhos. Deveria insistir na aposta ou comprar as vacas de volta? Mas essa noite marcou Ultimo não pela conversa de seu pai com o industrial, e sim por conta das onze voltas que deram em um mesmo quarteirão

da cidade. Com efeito, nesse percurso de cerca de 40 minutos, o menino, sem usar qualquer alerta ao pai, teve a sensação de que os dois poderiam desaparecer (já que entendia aquilo, um "caminho às avessas", como subtração, e não soma de passos). O trajeto circular, parecendo-lhe mágico, uniu-se à paixão pelos carros. E foi a partir deles que o menino pôde entrever a direção para onde iria sua vida: sempre ao ponto de partida. "E pela primeira vez, embora de maneira confusa, intuiu que todo movimento tende à imobilidade, e que bonito é apenas o ir que leva a si mesmo."

Talvez seja por isso que a parte inicial do livro, "Overture", só ganhe sentido quando chegamos ao fim da história. Ou melhor: é por isso que sentimos necessidade de voltar a ela e compreendê-la.

Trata-se do relato - romanceado - da corrida Paris-Madrid de 1903, em que oito pessoas, entre espectadores e motoristas, morreram, e outras tantas ficaram feridas. O percurso longo incluía regiões mais populosas, pouco preparadas para a passagem de veículos a 140 quilômetros por hora. O descontrole não só levou o governo francês a interromper o evento antes que os corredores chegassem a Paris, como também fez surgir a necessidade de o automobilismo ser praticado em circuitos fechados. "Overture" a um só tempo abre o livro, retrata o anúncio de uma nova fase da corrida de carros e contém cenas que, tal e qual o giro de um circuito, a vida de Ultimo tornará a repetir.

### A geometria da guerra

Passadas a primeira parte, e a subsequente "A infância de Ultimo", chegamos a "Memorial de Caporetto": mais um ponto de inflexão - desta vez, no que diz respeito a estratégias de guerra. Foi em outubro de 1917, em Caporetto, que alemães e austríacos impuseram à Itália uma grande derrota na Primeira Guerra.

O episódio, novamente romanceado, tem como pano de fundo a sensação de impotência de um pai. Seu filho havia sido companheiro de guerra de Ultimo. Muitos soldados, ao se depararem na mão do inimigo, fugiram. Desistiram de lutar. Esse rapaz foi considerado desertor, e fuzilado oito dias após a batalha. O pai não compreende: na confusão, quando outros 400 mil combatentes fugiram, por que justamente seu filho foi condenado? O que houve naquele desespero? Ele de fato havia desertado?

As respostas são procuradas por esse pai, um senhor fascista - e matemático. Ele entrevista Ultimo - que tem fixação pela geometria - e um antigo cirurgião da companhia. Esses três

homens, de pensamento exato, formulam diversas hipóteses. Há também o depoimento de Cabiria, outro companheiro de Ultimo.

O ponto comum está centrado nas trincheiras: "o que a memória coletiva guardou, depois, com genial gesto sintético, como ícone sagrado daquela guerra". O problema é que a tomada de Caporetto inverteu toda a lógica da guerra. Os italianos não compreenderam como os inimigos conseguiram entrar. Ou melhor, engessados em suas táticas, não souberam perceber os furos deixados e por onde se infiltraram alemães e austríacos.

O pensamento exato e meticuloso dos homens se desestabilizou com essa imprevisão. E todos eles procuram uma forma matemática de explicar tudo o que se sucedeu na batalha e por que logo depois estourou uma segunda guerra. Cada um, na rigidez de seu pensamento, tenta esquematizar os eventos. Mas há algo ali que escapa a qualquer sistema de compreensão. Como é típico a toda guerra.

### Rumo inalterável

Poderíamos continuar desvendando os *turning points* sobre os quais se desenrolam as partes seguintes: "Elizaveta", o diário escrito por uma amiga do protagonista; "1947. Sinnington, Inglaterra", o fluxo de seu irmão, que também é alguém especial; "1950. Mil linhas", o relato de outra grande corrida; "Epílogo", a narração de um episódio que ao mesmo tempo sela e reinaugura o percurso de Ultimo.

Mas é justamente essa a graça do livro. Perceber, na delicada escrita de Baricco, que não se trata apenas de um garoto com perspectiva geométrica do ambiente que o cerca. Desenha-se uma outra concepção de vida e destino. O garoto não enxerga nenhuma linha do tempo. Vê curvas, aclives e depressões de uma trajetória circular. Há algo de mítico aí. Sua vida estava desde sempre desenhada, e o que narrativa nos oferece são pistas desse tal destino. Daí o título do livro, "Esta história": algo fechado, sempre a refletir em si mesmo. O narrador, se estivermos atentos, também nos dá algumas indicações de onde procurar o destino. "É importante ver como as pessoas escolhem os nomes. Morrer e dar nomes - não se faz nada mais *sincero*, provavelmente, por todo o tempo que se vive."

Assim, recusando qualquer acaso que o tenha motivado na escolha do nome do personagem, o que Baricco nos diz, a todo momento, sem de nenhuma forma mencionar este clichê, é que Ultimo foi levado, pelas curvas do destino, a ser sempre o primeiro.

Esta história

Alessandro Baricco

Companhia das Letras/ 296 páginas

## Trecho da obra

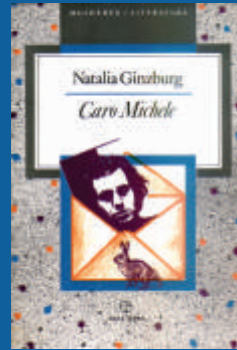
“ Ultimo olhou para o céu, para ver quanto faltava para escurecer. Quando o Baretti se ofereceu para levá-lo à cidade com sua carreta, disse Não, obrigado, vou sozinho. E foi buscar a motocicleta. Viram-no pôr os óculos de Lafontaine e enfiar uma folha de jornal por baixo do pulôver. Alguém lhe deu um tapa nas costas. Ficaram todos com o coração na mão ao vê-lo partir assim, sozinho. Mas tinha movimentos de homem, de repente, e ninguém ousou detê-lo. Seja prudente, disse uma mulher.

A estrada para a cidade corria reta no meio dos campos. As sombras eram longas, e a noite estava refrescando. Ultimo pôs o motor no máximo e dobrou-se sobre a moto, porque tinha alguma coisa para lhe dizer e queria que ouvisse direito. Disse-lhe que tinha que chegar antes da morte, e conseguiria certamente, bastava que ela se comportasse bem. Disse-lhe para observar como a estrada decidira ajudá-los e se pusera toda retinha, para que pudessem chegar antes. E explicou-lhe que a beleza de uma linha reta é inalcançável, porque nela se desmanchou toda curva e insídia, em nome de uma ordem clemente e justa. É uma coisa que as estradas podem fazer, disse-lhe, e que, ao contrário, não existe na vida. Porque não corre reto o coração dos homens e não há ordem, talvez, em seu andamento. Depois, parou de falar e ficou por um bom tempo em silêncio, perguntando-se de onde lhe vinham aquelas palavras.

Minúscula, no nada da noite, desfilava a motocicleta, pequeno batimento de coração na imensidão do campo. À sua passagem, erguia uma frágil crista de poeira e deixava para trás um perfume, ácido, de queimado. Depois, o perfume esvaía-se e a poeira se dissolvia na luz. Assim, tornava a fechar-se o cerco do acontecer, na quietude aparentemente imutável das coisas. ” (p.73)

## Quando nos resta nada

Romance híbrido retrata as lacunas existentes em todo tipo de relacionamento



Fragmentos se tornaram por excelência a forma de representar nosso pensamento e nossas relações. O acúmulo de aforismos, cenas, breves informações e pílulas de reflexão procura dar conta de um todo cindido e irrecuperável. Na literatura, há tempos um romance clássico e homogêneo já não basta para dar conta de uma existência cuja compreensão invariavelmente nos escapa. É nessa vivência fragmentada que se encontram Natalia Ginzburg e os personagens de seu *Caro Michele*.

Das 42 partes em que se divide o livro, seis são, de fato, um episódio relatado pelo narrador. As outras são cartas trocadas entre membros e amigos de uma mesma família - todos unidos a partir de Michele, o que está distante - ou trechos em que se alternam a forma epistolar e a narrativa.

Apesar de escreverem sobre si e interessados em saber um do outro, os personagens não chegam de fato a se comunicar. Isso se traduz inclusive na falta de atenção com que cada um lê a correspondência da qual é destinatário. É assim com Michele, chamado pela mãe de "avaro de

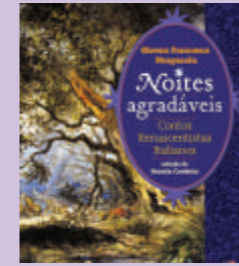
cartas": ela se queixa porque o filho, distante, não cumpriu a promessa de lhe construir uma gaiola para os coelhos, o que a obrigou a contratar um carpinteiro. Na resposta, o filho reforça a promessa, ignorando o fato de que, se retornar, a gaiola já estará pronta. Quando se referem a outras pessoas, não é com pouca frequência que os autores dessas cartas lhes dizem sentir pena. Mas apenas dizem. Pois, se de fato sentissem, haveria entre eles alguma espécie de solidariedade. Em trechos breves e superficiais, tudo o que esses personagens conseguem dizer de si é sua incapacidade de se relacionar com o outro.

É a mãe de Michele quem, ao comentar o comportamento de um amigo de seu filho, acaba resumindo a postura de todos os que participam da trama: "Não me parece exato defini-lo fútil, porque não se espera nada da futilidade, e dele esperamos, ao contrário, que de repente descubra e revele aos outros a sua razão de existir". Se dessem mais atenção a si e aos outros, todos poderiam se identificar com a conclusão da mãe de Michele: "Nós nos consolamos com nada quando não temos mais nada".

**Caro Michele**  
Natalia Ginzburg  
Editora Paz e Terra/ 110 páginas

## As histórias que contamos

Pequena seleção traz pela primeira vez as narrativas de Straparola



Embora seja constantemente referido como um dos momentos fundamentais da história do conto e dos contos de fada, o livro *Noites agradáveis*, de Giovan Straparola, não podia ser encontrado no Brasil até a publicação dessa pequena seleção. Na edição preparada por Renata Cordeiro, consta a tradução de quatro das 75 histórias originais.

Assim como o *Decamerão*, de Boccaccio, a obra, de 1553, concentra-se em torno de um quadro e se fundamenta na narrativa oral. Naquele livro, dez jovens, isolados em razão da Peste, contavam dez histórias por dia como forma de preencher seu tempo. Neste, os personagens se articulam em torno de uma corte: divertem-se, mas não porque estão confinados. E se Boccaccio se destaca por combinar o trabalho de coleta das histórias populares ao do escritor, que interfere no registro, Straparola efetua, segundo os especialistas, poucas mudanças nos contos originais.

Na segunda narrativa da seleta, "O abade scarpacífico", a estrutura é semelhante à das histórias medievais. Um padre avaro é enganado por três camponeses, que armam um ardil para

lhe tomar o burro recém-comprado. Quando se dá conta da armadilha de que foi vítima, o abade decide se vingar. A partir de então, a trama se desenrola em uma sucessão de enganos, em que digladiam duas formas de elaborar trapaças.

"Doralice" é um exemplo de como se transformou nossa maneira de contar histórias para as crianças. Hoje seria inconcebível narrar aos pequenos, por exemplo, as dificuldades por que a protagonista do conto passa no momento em que seu pai, não conseguindo superar a morte da mulher, decide se casar com ela própria. Filha do rei, Doralice foge com a ajuda da criada. Mas, em sua nova vida, continuará a sofrer a maldição que a atitude de seu pai lhe infligiu.

Os contos selecionados não são, como nos faz deduzir o prefácio de Renata Cordeiro, os principais de *Noites agradáveis* - tanto que a autora recorre com frequência a outras histórias, tomando-lhes como exemplo de elementos não centrais à seleção. Mas, ainda que a amostra seja bastante modesta, há que se dar importância à possibilidade de termos acesso, de alguma forma, a essa obra.

**Noites agradáveis**  
Giovan Francesco Straparola  
Landy Editora/ 144 páginas

## Há sempre um homem triste atrás do que ri

Vencedor do Nobel de 1934 expõe em histórias curtas os desenganos da vida em sociedade



Ao procurar definir o humor de Luigi Pirandello, Alfredo Bosi escreveu que cabe ao humorista encarnar a consciência de nosso inevitável desajuste à vida em sociedade, "revelando cada contraste, cada dissensão entre o ser e o parecer, cada fissura do comportamento humano, para desnudar a impotência de nossa condição". A dor seria então o que move todo desejo

de provocar riso, e o verdadeiro humorismo, "sentir e ressentir a agonia dos contrastes". O que o crítico observa se revela em todas as histórias de *O marido de minha mulher*. A temática predominante nos 12 contos é a dos enganos e desenganos da relação entre casais.

A breve história que dá título ao livro é narrada por Lucas Léuci, um homem doente que escreve para deixar em testamento seu rancor - embora não o assuma. Quer deixar claro à mulher que ele morre sabendo como seria a vida da família na sua ausência. Em tom sarcástico, nega crer que tenha sido traído e elogia o comportamento do futuro marido de sua mulher em relação a seu filho.

A atitude do homem doente, que o tempo inteiro esconde o sofrimento da partida com sua ironia mordaz, se metaforiza em uma de suas manias: cheio de edemas, tem a mania de afundá-los com os dedos para vê-los surgir novamente. Tamanha é a importância de suas inflamações, que assim lhes confere a medida: "não peso muito (quarenta e cinco quilos, com todos os edemas)". "*Superior stabat lupus*" retoma o mote dos que oprimem injustificadamente os inocentes, numa referência,

desde o título, à fábula de Esopo em que o lobo, a despeito de haver se posicionado no leito rio acima, acusa o cordeiro, a sua jusante, de lhe turvar a água. Na história, um velho se casa com a filha da mulher por quem era apaixonado. O pai da garota havia fugido, apavorado, após a morte de sua mulher, vitimada em decorrência do parto. O jogo do autor consiste em constantemente brincar com as expectativas do leitor. Quem é o inocente atacado pelo lobo? É a própria garota, que, sem escape, deve se sujeitar ao casamento com aquele que pensava ser seu velho tio? E quem oprime o cordeiro? Será o velho homem? Tendemos a crer que não, pois a história não se encerra sem o aparecimento de outra figura central.

O mesmo se dá em "Como se fossem gêmeas", em que o homem deve se dividir entre o parto da mulher, que ocorre em sua casa, e o da amante.

Ao contrário do que se imagina, o título diz menos sobre as crianças nascidas no mesmo momento do que sobre outras relações implicadas no conto.

A leitura exige até mesmo um esforço de reconhecimento. Sempre por meio do humor, nos são dadas as marcas mais profundas de todos os personagens: um gesto estabonado, uma frase atravessada, um segredo - pequenos detalhes pelos quais se entrevê o todo. O processo por que nos conduzem os contos de Pirandello talvez tenha como resultado uma percepção semelhante à de Lucas Léuci: estaremos prontos para identificar nossas fissuras quando soubermos que nossa medida inclui o peso dos edemas que insistimos em afundar.

**O marido de minha mulher**  
Luigi Pirandello  
Odisséia Editorial/ 187 páginas